

O CANTO DO ACADEMICO

Semanario academico-litterario

ASSIGNATURA

Braga: mez 100 rs.; trimestre, 300 rs.
 Provincias: trim., 330 rs.
 Pagamento adiantado

Publica-se ás segundas-feiras

Braga, 10 de Abril de 1893

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de Santa Margarida
 N.º 66

O NOSSO JORNAL

Diziamos no nosso artigo de apresentação:

... «Se este jornal ousar passar além do recinto do nosso lyceu ao qual é principalmente destinado, deve ser benevolamente recebido.

E isto, porque não se occupa de embrulhadas ou embustices politicas como muitos...»

Escrevemos estas palavras no intuito de que seria mais útil para nós e para quem tivesse a paciencia de nos lêr, cingirmo-nos a qualquer humilde composição litteraria do que occuparmo-nos de politica. Já porque temos *felizmente* no nosso paiz muito quem se occupe d'ella, já porque sendo ella o governo dos povos deve preoccupar mais a homens sabios e cheios de experiencia do que a nós que, além de inexperientes, temos as nossas lições para estudar.

Diziamos mais:

... «O nosso programma é fazer d' *O Canto do Academico* uma pequena revista onde todos os academicos sem distincção possam collaborar. E dizemos sem distincção porque comosco não está a inveja, a intriga, o interesse...»

Comosco está uma alma amante e crente.

Amante da liberdade, do trabalho e da virtude.

Crete em Deus, no amor e na amizade...»

Occorreram-nos estas palavras nascidas da mais sincera amizade para com todos os academicos; convencidos de que, compenetrando-se todos d'isto, correria tudo ás mil maravilhas e o nosso peque-

no semanario conseguiria o fim que se propoz.

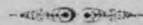
Mas infelizmente dá-se o contrario. Não queriamos politica; muitos querem-na e não podem, ou não sabem, escrever sem fallar d'ella.

Dizem que as bellezas da Natureza não fornecem assumpto com que possam escrever semanalmente o seu artiguito!!!...

Queriamos tambem que este jornal fosse de todos; mas logo após este, surge um que *Traga-Moios*; e agora já se falla na fundação de mais dois!!!...

Castam-nos immensamente a escrever estas palavras; mas julgamos o indispensavel para declarar que o nosso jornal continuará com a mesma feição simplesmente litteraria e pedir de novo a collaboração de todos os nossos collegas e amigos.

Julgamos tambem necessario declarar que não responderemos, d'hoje em diante, a coisa alguma que qualquer dos nossos collegas nos dirija; não só porque não está na competencia d'este jornal, mas tambem porque não queremos originar dissidencia alguma entre a Academia que deve ser unida para ser forte e amiga para ser digna de admiração e estima.



DEFINIÇÕES

São longos fios d'oiro os teus cabellos,
 Dois ceus azues os teus olhos suaves;
 E é mais macio que o collo das aves
 Teu niveo seio quente a arfar d'anheos...

Teus labios são de pudibonda rosa,
 O teu sorriso é uma borboleta
 Que n'elles paira e brinca sempre inquieta
 N'uma volupia languida e sequiosa...

Manoel Elycio.

O QUE EU AMO

Eu amo essas almas puras
 Como a limpidez nos ceos!...
 Amo a natureza e o bello
 Como tambem amo um Deus!...

Amo a ternura divina
 De um santo amor maternal,
 E os beijos d'esposa,—quentes
 Como o sol primaveral!...

Amo o rocio immaculado
 Crystalino de pureza...
 Essas perolas,—sublimes
 Lagrimas da natureza,

Que orvalham as pet'as puras
 Das florinhas e das rosas,
 Como o pranto d'uma virgem
 As suas faces mimosas!...

Eu amo as flores balsamicas
 E o cantar do rouxinol!...
 Amo as noites de luar
 E o purpurino arrebol!...

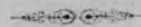
Amo o silencio funereo
 Que circunda os mausoleus!...
 Tambem amo a tempestade
 Que resôa lá nos ceos!...

Eu amo o egregio Judeu,
 —O meu pallido Jezuz!—
 Sim... amo o martyr philosopho
 Porque expirou n'uma cruz!...

Eu amo a familia grida
 Como a avesinha a amplidão!...
 Tambem amo a terra patria
 Como o mocho a escuridão!...

Tambem amo e sanctifico
 Como o escravo, a Liberdade!...
 —Phanel que indica o progresso
 A' tão cega Humanidade!...

Edmundo Paris.



Tristezas

(Ao meu amigo Arthur A. de Moraes Leite)

Era uma tarde d'agosto.
 Morriam no horizonte os ultimos raios do sol...
 A brisa, passando branda, leva-

va consigo mil segredos desprendidos pelo coração de Leonor que gemia tristemente sobre a alfombra verdejante do seu parque.

A luz crepuscular, o sussurro das aves recolhendo-se aos ninhos e o rolar vibrante das aguas d'uma cascata proxima, só lhe diziam — amor.

Mas, a par d'este sentimento que vinha beijar-lhe os labios empallididos pela dôr e pelo remorso, a aragem da montanha fronteira em que se erguia um velho convento segredava-lhe — saudade.

Era n'elle que se recolhera o primeiro homem que ousara dizer a Leonor que a amava.

Mas a riqueza e o luxo faccinaram-n'a, levando a sua imaginação a paragens onde só o impossivel conseguira attingir.

Foram estas esperanças, que sepultaram um coração tão joven como o de Alfredo, obrigando-o a encerrar-se onde as lagrimas diluidas em nostalgias profundas podessem constantemente chorar tal sorte.

Foram estes os esboços ligeiros que ha pouco occorreram á imaginação de Leonor.

Voltando os olhos ao passado só descobriu saudades.

Ah! mas as saudades são petalas desfolhadas pelo tempo, petalas que inscrevem milhares de recordações e segredos

A felicidade que ella ambicionara transformara-se em um completo arrependimento.

E, quando os olhos machinalmente se fitavam no elevado mosteiro corriam d'elles prantos que abafavam o seio que já quasi não batia.

Que completa differença!

Hontem a aguia altaneira; hoje a humilde andorinha.

Mas se a tristeza não abandonava Leonor muito menos Alfredo.

Se por um instante nos transportarmos á fria cella em que elle habita acharemos sómente um coração adormecido n'uma lethargia immensa e um peito que só aneia.

Na sua cella tudo são tristezas.

Aquí, levanta-se uma estante guarnecida de livros proprios da mocidade, mas a cuja leitura o passado poz fim, para se entregar exclusivamente á contemplação de um Christo bronzeo, com Quem se conforta nas horas amargas da existencia.

Alli, uma meza de pau preto sobre a qual elle escreve todas as noites o seu diario regado de afflicções e desgraças.

O tempo para elle é um simples outomno em que vê cahir uma a uma como as folhas d'aquella es-

tação todas as esperanças que phantasiara.

Os dias passa-os á sombra d'uma olaia em que os raios do sol não penetram como desejando tornar-lhe a vida mais leve.

A's vezes olha para o parque de Leonor e fica por um instante pensativo, seguindo-se um pranto acompanhado pelos soluços.

Vê a saudade minar-lhe pouco a pouco a existencia; mas isso não é bastante para o desviar da vida que segue.

A noite procura um amigo a quem confiou o seu segredo e com elle se lamenta ouvindo quasi sempre as palavras consoladoras d'esse bom frade que sente, como Alfredo, a sorte que persegue este.

Dias e dias decorrem.

Um dia a razão mostra-lhes o arrependimento de Leonor, e o coração de Alfredo parece despertar da lethargia em que havia cahido.

Procura vêr se ella ainda o despreza e sabe o contrario.

Delira e parece morrer d'alegria.

Chama o seu amigo, conta-lhe a sua futura felicidade ao mesmo tempo que vai reflectindo na posição em que se collocou. Procura depois abandonar o convento quando o guardião lhe sae ao encontro exclamando:

—Tem fé e creanças?

—Puras como a alva espuma do oceano.

—Então recolha-se á sua cella.

—Mas eu respeito...

—Tudo menos o habito do monge.

Braga, 7 d'Abril de 1893.

(Continúa).

Sebastião de Sá.

A corteza

Os seus sorrisos despontam meigamente,
Fazendo esquecer dôres d'esta vida
Como faz ao devaço uma bebida
Esquecer sua estrella eternamente...

Sens olhos, dois faroes d'amor accesos;
Lembram sempre dois astros rutilantes,
Fulgindo como fulgem diamantes,
Lançando a todos seus meigos despre-
sos...

O seu seio é bello, purpurino,
Quando o descobre; e nú, alabastrino
Lhe derrama da orgia o ultimo vinho...

Mais que tudo é mais bello o seu amor,
Quando nos dá da carne aureo fulgor,
Mostrando o leite flacido d'arminho...

M. Oliveira.

PERFILISANDO

João Chaby—Constituição apoplectica: cachaco amplo, gordo, d'uma gordura que suplantaria a de Sancho Gança, e uma barriga que conteria mais gregos que o bojo do celebre cavallo Troyano.

Porem, quem o litar por alguns momentos consecutivos, sem se hypnotisar, ha de notar n'elle um quid de bonomia e bondade que o torna muito amavel e sympathico

Alfredo Esmeriz—E' um perfeito antipoda do procedente.

Alto, esguio, moreno, mas d'um moreninho quasi romantico.

Tem a mania de escrever; mas esta mania ha de talvez tornal-o um bom escriptor.

Traz de vez em quando, um casaco que com certeza constituia a moda do seculo XII.

Mas quem me dirá, agora, que sob aquele seu chapéu tão maganao, não se occulta alli uma robusta intelligencia?

José Lima—Petiz, mas idoso; um bello typo para um redactor do *Traga-Moios*.

Dentre as mirificas prendas com que a Natureza o dotou, torna-se mais saliente, uma magnifica e ostentosa voz que possui para o canto, como ultimamente o tem revelado. Dá, pois, muitas esperanças.

Eurico de Cartéa

A Mocidade

A Mocidade é como o sol da Primavera,
Faz brotar d'entro d'alma a generosa flor
Que vive da esperanza e vive da chimera
Que ama para viver e vive para o Amor.

E' como a tarde amena; é como a noute calma,
Tão cheia de frescor d'emanações suaves,
Pondo no coração e bem no intimo d'alma
Os canticos do Prazer d'apaixonadas aves.

E' como o mar que vai do Sul ao polo Norte
Martodo cor de rosa, cor de leite branco;
Mar onde se baloica a gondola da sorte
Ao vento d'affeição que passa morno e franco.

Onde ella chega ha sempre os risos da alvorada
Os sonhos de ventura, os hymnos de prazer
Vive do Bem somente ao Bem é dedicada
Adora a liberdade e n'ella hade morrer.

E' pois a Mocidade um sol de Primavera,
Faz brotar dentro d'alma a generosa flor
Que vive da esperanza e vive da chimera
Que ama para viver e vive para o Amor.

A. Campos.

AO TRAGA-MOIROS

Ha tempos, que anceavamos occasião, para dizer duas palavrinhas, a este nosso divertido collega, tão pandego e tão humoristico.

Expliquemos primeiro :

«O que faz um portuguez fazer o logo dois ou tres». Fundouse este nosso jornal «O Canto do Academico» e logo a imitação nossa o «Traga-Moiros» tambem quiz ser jornal.

Isto, porém, não tinha nada com o caso, pois nada nos prejudicava e alem d'isso, esse jornal, era unicamente orgão, da *petizada* do nosso lyceu e foi por elles exclusivamente fundado.

Mas, não aconteceu assim. Alguns maganões, que nada tinham de *petizes*, escrevinhadores das duzias e a cujos escriptos, pelo mal feitos e porcos, não podiamos dar publicidade, fugiram para o campo d'elles para lhes fazer publicar as suas imbecilidades, talvez, quem sabe, se pela violencia.

Estes como é claro ficaram lá sendo os mandões, sem direito algum, e não sabemos com que outros fins.

Ora, d'estes pseudo-redactores, destaca-se um pelintra que escrevinhava o «*Pincelando*», um patusco de um *Pintor*, ou melhor um desgraçado *pinta-mónos*.

Aquillo, nem era escripto nem era nada. Era um montão de estrequices, a que por um euphemismo, o tratante do *pinta-mónos*, dava aquella epigrapha.

No penultimo numero, cá nos vinha uma *pincelada*, que bem se vê que é só d'um *pinceleiro* d'aquella ordem. Mas tinha graça. Não, que o tal *pinta-mónos* é comico.

O que vi por aquillo é, que o tal *carcudo* gosta muito de metter o nariz em toda a parte. Pois, olhe, tenha cuidado, que isso de metter o nariz em tudo, é mau, e pôde acertar com elle em alguma parte, menos decente e que lhe cheire mal... Tenha cuidado.

Agora, no ultimo numero d'esse jornaleco, lá vinha mais uma *pincelada*, mas essa era cá para o que agora está traçando estas linhas.

Não offendia a redacção d'este jornal e como só se referia a mim não me importa.

O que isso fez, foi vir comprovar, mais uma vez, a pilheria do tal *pinta-mónos*. Causou-me realmente uma explosão de riso. Cultiva a chalaça meu *pintor* que hasde dar coisa grande.

E, não é só a chalaça, estuda e estuda muito, que pelo que vejo tambem já lê Luziadas... Eu cuidava que até agora só lias o *Reportorio* e o *Testamento do*

Gallo, onde ias respigar essas tuas paspalhices.

Mas, não te quero massar mais, meu *Pintor*, não te importes e espera-me para a outra vez.

—Agora, caros *petizes*, e verdadeiros redactores do *Traga-Moiros*:

Tenho pena de vós. Fosteis espoliados dos vossos direitos, já não sois redactores, sois uns colmeiros, e esses mesmos em miniatura. Mas não choreis. Esperai pelas Cruzes que vos hei-de comprar, uma *espingarda*.

Mas como isto, armas de fogo em mãos de crianças é muito perigoso... contai, então, é um *asobio*. Sim?

RECORDAÇÃO

Pomba d'olhos tão meigos! lembraste
ainda
Do outro dia, em que n'uma pedra, á beira
Do caminho, sentada,
Murmuraste—como eras, então, linda!...—
—«Não te esqueças da tua Rosa... Adeus!...»
—«Adeus! Rosa adorada!...»

As nossas mãos tremiam convulsivas
Uma na outra enlaçadas
E subiam-te ao rosto as côres vivas
Das vivas alvoradas...

Foi o dia, Rosinha, em que vieste
Commigo da cidade para a aldeia
Para irs habitar co'uma familia
Entre negros pinhaes...
Mas depressa deixaste a vida agreste,
Depois de ouvires uma irada homilia
Prégada por teus paes...

Lembraste do alvoroço e da alegria
D'essa pequena viagem, de comboio,
Que fizemos juntinhos?!
E a vida ebria d'amor que phantasiámos
No campo, que o bom sol da primavera
Já de todo floria?!...

Eramos como as aves que entre os ramos
Procuram fazer ninhos...

Depois, por alguns dias, n'essa aldeia,
Passamos vida bohemia, d'amor cheia...

E ainda aspiro o perfume d'essas flores
Que folgazã colheste nos vallados
e me pozeste ao peito...
Lembro isso hoje como um sonho d'a-
mores...
Um sonho já desfeito!...

Porém, jámais esqueço o triste *adeus!*
Que me deste, ao deixar essa familia
Que habita entre pinhaes!...
Mas tambem não me passa, é flor, que
a causa
De tal separação foi essa homilia
Prégada por teus paes!...

M. Gonçalves Cerejira.

DEVANEIOS

Uma noite sonhei-me adormecido,
co'a cabeça pendida no seio;
mui contente, beijando meu ancoio,
o teu peito, teu peito tão querido.

Encostei-me depois muito de leve,
abraçando-te a mim n'um doce enleio
e beijando n'um rápido meneio
o teu rosto mais alvo que a neve.

Porém n'este febril entusiasmo,
acordei. Foi horrivel o meu pasmo
ão findar esse sonho tão brejeiro,

O teu seio tão gentil e delicado,
que com tanto furor tinha abraçado!
illusão!... abracei o travesseiro!

P. Bastos

A RIR

Estando um padre pregando um sermão, disse:

—Todos n'este mundo têm a sua cruz, e resignados devemos levá-la ao Calvario,

Um dos ouvintes sae do seu logar, chega ao pé da mulher, põe-n'a ás costas, e, voltando-se para o orador, diz:

Olhe, snr. padre, eu já cá levo a minha.

Scena domestica.

Personagens:—O marido, a esposa, o filho, e o primo da esposa.

Estão todos em torno da meza e no final do jantar.

—Se me dás um beijo, diz o primo ao menino, dou-te este doce.

—Não dês, observou o papá, porque te nascem uns bigodes como os d'elle.

—Isso não nascem, papá.

—Porque?

—Porque a mamã tambem não nasceram...

—Que dizes?!

—Digo que a mamã não nasceram, e o primo já tem dado muitos beijos na mamã.

N'um duello. Na occasião de cruzar os ferros, um dos combatentes pede licença para vestir o sobretudo. As testemunhas murmuraram.

—Tem medo? pergunta uma d'ellas.

—Medo? pelo contrario; tenho tanto sangue *frio* que se não vestisse o sobretudo... corria grave risco de se me gelar nas veias.

Um fidalgo, que usava pendente do pescoco uma venêra cravejada de brilhantes, encontrou-se um dia com uma senhora, que ostentava em um dedo um esplendido diamante, mas que tinha as mãos descarnadas e mal feitas. O commendador, que de ordinario não sabia medir o alcance das palavras, que pronunciava, voltou-se para os que o acompanhavam, e disse-lhes sorrindo:

—Antes queria possuir o anel do que a mão.

—Pois eu, replicou a senhora do diamante, antes queria o cabresto do que o animal.

BERÇO E TUMULO

Berço e tumulo eis as duas balizas da ephemera, da vaporosa existencia humana.

Berço—mar de sorrisos e cantos.

Tumulo—mar de lagrimas e saudades.

Berço—imagem querida que a mãe oscula, ave implume que ella acalenta.

Tumulo—visão sinistra que o homem repelle, monstro horrendo que lhe outra os sentidos.

O berço, é o convalle, o ingresso da existencia humana.

O Tumulo é a barbacã, o egresso da existencia humana.

O berço é o doce arrebol da vida.

O tumulo é a caligem soturna da morte.

O berço é flôr que desabrocha, é lyrio que desponta

O tumulo é goivo que se findou, é açucena que esmoreceu.

O berço é vergonha que rebenta sob o influxo da vida.

O tumulo é arvore secular que o furacão lançou por terra.

O berço é pharol que scintilla.

O tumulo é clarão que já brilhôu.

O berço é como que a incubação da alma, do pensamento humano, para que mais tarde remonte a perlustrar as altas regiões da athmosphera, ou desça a devassar os reconditos seios do oceano.

O tumulo é como que a negregada mansão, onde vae descansar das lucubrações... dormir para sempre... o corpo—esse fragil involucro da alma, que alardeou riquezas e poderio, força e genio...

O berço é o emblema da innocencia.

O tumulo é o simulacro do pasamento que nos espera.

O berço, é sempre bello e seductor quer se encontre no modesto e pacifico albergue, quer no faustoso e arrogante palacio.

O tumulo, nem por isso, é menos tumulo mas é sempre triste e repugnante quer seja a campa rasa e rasteira, quer seja o mausoleo rarchitoso e pomposo.

No vasto imperio da natureza existem duas forças, dois principios infrangiveis e oppostos—a vida e a morte.

Com o berço entra o homem na vida.

Com o tumulo transpõe os humbraes da morte.

Vida e morte são os dois extremos que se tocam.

Vida, eis a pergunta que eu faço a mim mesmo e a que o coração me responde—a transição para a morte.

Morte, eis outra pergunta que eu faço ao meu pensamento e a que elle me responde—a transição para a eternidade.

Braga 7—IV—93.

A. Passos.

A LYNCENA

(No album d' Augusto Granjo)

Meu loiro cherubim, minha olympica fada,
Que á noite cinjo ao peito em sonhos delirantes!
Vem entornar-me na alma os brilhos da alvorada
Com teus olhos azues, voluveis, penetrantes...

Eu queria dizer baixinho ao teu ouvido
Um segredo só meu, um segredo galante...
Depois, sorver n'um beijo intenso, indefinido,
Todo o mel da tua bocca excelso e inebriante!...

Eu queria até naufragar, preso em teus braços,
Nas ondas do teu seio estuante—ânjo loiro!
E depois ser pregado na cruz dos teus braços...
Morrendo amortalhado em teus cabellos d'ouro!...

Braga. 12—12—92.

M. Gonçalves Cerejeira.

Foram decifradores do logogripho publicado no 4.º n.º os snrs. Victor Matheus e Antonio Villares, e das charadas o sr. Antonio Villares.

LOGOGRIPHOS

1.º

Este buraco defendente—7—1—2—2—6

Cheio d'agua e profundo—2—1—3—9

Sem o qual não eras gente—4—5

Servia um Deus iracundo—5—1—8—9.

Dirte-hei caro leitor
Para não te cansares
Bem sabes isto é favor,
Portugal tem milhares.

B. M.

2.º

Este ponto de romagem—1—10—4—3

Feito com arte e esmero—8—7—6—9—2

Sacudido pela aragem—4—5—1

Ninguém lhe diz eu não quero—3—7—6—5.

Se por acaso passares
Junto d'elle, leitor querido
Não é preciso lhe tocares
Pois não t'è desapercebido.

B. M.

O primeiro decifrador d'estes logogriphos receberá como premio o livro «Visão d'Amor».

Charadas novissimas

(Ao eximio charadista Anselmo Bahia.)

Marisco que n'esta ave toca—2—2.

Na pharinge e na musica não é pobre esta arma—1—1—2.

Quadrupede, ave, quadrupede—3—2.
Affonso d'Alvim.

Come-se, esta preposição, e este tecido, no Lyceu—1—1—1.

No leão, esta terra do Minho, no Lyceu—2—1.

Na musica, esta ave, é das senhoras—1—2.

Na musica, esta cidade, é do dezenho—1—2.

Observei, no campo, a minha aldeia—1—2.

Tenho crença, esta flor, que é bem bom—1—1.

Caminhei, e liberal e desejada.—1—1.

O relógio murtifica este director.—2—1.

Não é lá e é appellido este animal—1—2.

Bebe-se, e não és cego n'esta villa.—1—1.

Honorio E. Teixeira.

Charadas electricas

A's direitas e ás avessas dão-se e levam-se—3.

A's direitas nome e ás vessas só de noite—2.

A's direitas animal e ás vessas verbo—2.

Exercicio, culto e appellido—2.

Rio, meio d'observação e verbo—2.

Meio d'illuminação, de locomoção e verbo—2.

Nos campos, na familia e appellido—2.

Rio, cidade, fructo e appellido—2.

B. M.